Cadernos CESPUC
Belo Horizonte - n. 28 - 2016

Os estilos de Nietzsche sobre os nomes da "mulher"

Rodrigo Guimarães

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. Doutor em Literatura Comparada.

Resumo

O presente texto enseja circunscrever, minimamente, alguns axiomas nietzscheanos que desafiam a homogeneidade das concepções unívocas relacionadas aos nomes "mulher" e "feminino". A partir das reflexões tardias de Jacques Derrida (**Éperons: les styles de Nietzsche**, 1978; *"Chorégraphies"*. In: **Points de suspension: entretiens**, 1992) em diálogo (sub)textual com as reflexões advindas da psicanálise (sobretudo a obra **Nomes-do-Pai**, de Jacques Lacan, 2005), acrescidas de alguns ensaios próprios (**"e": ensaios de literatura e filosofia**, 2010), propõe-se problematizar as diferentes e contraditórias enunciações de Nietzsche em relação à mulher (frequentemente pluralizada em multidão de mães, filhas, esposas, governantas, prostitutas, virgens, empregadas) e às figurações específicas da feminilidade.

Palavras-chave: Nietzsche. Mulher. Jacques Derrida. Desconstrução. Psicanálise.

No que diz respeito aos processos de autoidentificação, à "prisão identitária", gostaria de lançar a minha questão para outro campo que também denuncia a regência do cárcere privado do Mesmo (e seu conforto narcísico), sem promover a requisição de uma abertura mais ampla. Trata-se do "não-lugar" da mulher nas formulações da desconstrução, de um operador textual que propicia a não-identidade e a não-verdade como um dos possíveis efeitos do "feminino" (avesso aos fetiches essencializantes que a fala comum atribui à mulher).

Sabe-se bem que os discursos de minorias, ainda que redesenhados sobre papel de arroz e traçados por uma linha tênue, não conseguem evitar as mordidas dos cupins. Ao usarem as palavras nas condições concedidas (pelo partido, pela comunidade, pelos pares...) e ao reescalonarem as afirmações

para blindar o outramento do desejo, tais discursos acabam por ultrapassar os limites de crédito. Quem fala, contrai dívidas, dizem alguns, e quem se extravia no falatório, fala para pagar. Mas (não) pagar a quem? Ao Outro (desejante) da Psicanálise, com seu casaco esburacado numa vara, sempre a vazar? À tradição falogocêntrica e a "ilusão viril", que arrasta a sua lenta extensão ao longo de milênios? À investigação positivista bisbilhoteira, perversamente "objetiva" e "neutra", valendo-se da premissa de que a realidade não está inteiramente conhecida? E por que não acolher a assertiva de Peter Sloterdijk (2004), quando ele diz que o mundo não está suficientemente desconhecido e desencapsular o eu/nós que se afirma na fuga para a identidade?

Daí a importância da conferência pronunciada em 1972, por Jacques Derrida, intitulada **Éperons: les styles de Nietzsche** (DERRIDA, 1978). Verifica-se nesse texto singular um desafio à homogeneidade das concepções aferrolhadas à unicidade dos nomes "mulher" e "feminino". Ao relacionar o *estilo* (estilete, objeto pontudo, punhal, pena de escrever) a outra palavra "*éperons*" (espora) que também designa operações de corte (ponta de rochedo que "rompe as ondas na entrada de uma enseada"?), Derrida, como usualmente faz em seus textos, produz efeitos de multiplicação, divisão e disseminação no espaço formal-semântico. Ao tratar das diferentes e contraditórias enunciações de Nietzsche em relação à mulher (frequentemente pluralizada em multidão de mães, filhas, esposas, governantas, prostitutas, virgens, empregadas...), Jacques Derrida salienta as divergentes (e não sintetizáveis) proposições nietzschianas. Segundo o pensador francês, na primeira delas, há um rebaixamento do feminino, uma condenação e um desprezo pela mulher que é figurada como "potência de mentira". Acusa-se, em nome da verdade, o logro do logos (associado ao masculino) e da metafísica dogmática.

Vê-se aí, eu acrescentaria, toda a ordenação fálica que coloca em curso sua pesada maquinaria de amordaçamento, castração, excisão, mutilação e extirpação que opera não apenas no plano simbólico. Numa segunda posição, Nietzsche também condena e despreza a mulher, mas esta é abordada como "potência de verdade", podendo se identificar ou não com esse domínio de ordenação (a verdade), porém, invariavelmente, jogando com ela de maneira astuciosa e ingênua. Em suma, a mulher é duas vezes castrada: verdade e não-verdade. Já na terceira posição, a mulher é reconhecida "como potência afirmativa, dissimuladora, artística e dionisíaca. Ela não é afirmada pelo homem, mas se afirma ela mesma, nela mesma e no homem" (DERRIDA, 1978, p. 79).

As duas primeiras posições podem ser reinscritas na teoria psicanalítica sem grandes dificuldades. Para lidar com a "multidão" do feminino e suas diferentes posições em relação à Lei, pode-se evocar a pluralidade dos Nomes-do-Pai, que também desdobra sua força policial ao repaginar-se em outros lugares. Quanto à terceira posição relacionada a uma diferença espectral, esta coloca renovados desafios para a teoria psicanalítica, bem como para outras formulações fundamentalmente estruturalistas. A operação do feminino, como potência "afirmativa e dissimuladora" que sobrepõe véus, máscaras e troca os valores das moedas (sem neles acreditar), coloca em suspensão a aparelhagem da castração e os alicerces de historicidade da verdade (que para Nietzsche não passa da história de um erro). Como discernir esse feminino-simulacro que se coloca no não-lugar do "abismo da distância", da mulher que "distancia e se distancia dela mesma", como se lê em **Éperons**?

A partir dessa impossibilidade de determinar a essência da operação do feminino, de cercá-la com a pergunta "o que é...?" e de tantas outras zonas de indeterminação, é que Derrida aproxima o feminino de outras questões afins, tais como a arte, o(s) estilo(s), a (não)verdade, a escritura. Em suma, a "mulher" é abordada, em **Éperons**, como um indecidível (enunciado que ao mesmo tempo não pode "nem" ser comprovado "nem" ser refutado, o que não é nem falso nem verdadeiro).

Portanto, a fêmea, na proa de seu próprio deslocamento, joga com os efeitos de castração e suspende a posição decidível (do verdadeiro e do não-verdadeiro, do permitido e do interdito, dos limiares de realidade), e incide, como observa Derrida, a questão da escritura e sua "operação 'esporeante' mais potente que todo conteúdo, toda tese, todo sentido." (DERRIDA, 1978, p. 86).

Se a não identidade da mulher, sua não-verdade e as operações do feminino borram o conteúdo, neblina a posicionalidade da tese e do sentido, tem-se, como implicação direta dessas premissas, a rasura da estrutura oposicional masculino/feminino, há muito já cicatrizada no tempo. Esse feminino, que só se diz enquanto múltiplo, não é o reverso de nenhuma posição, o que possibilita outra abordagem da diferença sexual e, num só movimento, atua como instância de desconstrução do "masculino". Por isso que Derrida atesta, em **Éperons**, que "não há, portanto, uma verdade em si da diferença sexual em si do homem ou da mulher em si." (DERRIDA, 1978, p. 84)

Essa subtração das margens ontológicas e o desmantelamento da ecolalia presente nos usos sociais que se fazem dos discursos categóricos sobre a feminilidade e a masculinidade exigem leituras não normalizadoras, que possam magnetizar outros procedimentos de ressexualização sensíveis à heterogeneidade dos rostos e dos movimentos rumo aos "corpos".

Os abalos propostos pela textualidade de Nietzsche sobre a mulher, suas proposições formais (três "ou mais?") co-extensivas, sobredeterminadas, antitéticas, interagindo de maneira simultânea ou sucessiva e suplementadas pelos aportes derridianos, desencadeiam a instauração de novas logicidades que abrigam uma tríplice posição indecidível que requisita enunciados no singular-plural. Escreve Evando Nascimento:

> A(s) mulher(es) que se erige(m) em Nitezsche e em Derrida, muito além da mitologia de um eterno feminino, habita(m) desde sempre o(s) homem(ns), afirma(m)-se também nele(s) através do jogo diferencial das forças, fazendo da potência masculina um *avatar* da fragilidade feminina, ou vice-versa (NASCIMENTO, 1999, p. 240).

Indubitavelmente que o alto teor alucinogênero de **Éperons** excitou muitas feministas nas últimas décadas, no entanto algumas pensadoras pós-estruturalistas, como a filósofa americana Judith Butler, souberam dialogar de maneira profícua com as formulações derridianas. A desconstrução dos binarismos significante/significado, masculino/feminino, entre outros, efetuada por Jacques Derrida, encontra pontos de aproximação com a proposta de Butler em relação ao par sexo/gênero, pois, para esta, não há uma derivação simples e direta das questões de gênero (culturalmente construídas), decorrente de um alicerce biológico "natural", dado pelo corpo e suas determinações anatômicas.

Desenredando também a polaridade masculino/feminino, Judith Butler acaba por desvincular os investimentos pulsionais de uma suposta identidade de gênero (com domínios descritivos, regramentos, dimensões normativas e excludentes), isto é, os desejos não estão numa relação especular com o gênero, não o representam, o que leva a autora a falar sobre "estilos de carne", em que o corpo é desnaturalizado e abordado como "superfície politicamente regulada". Resguardando a dimensão plural da carne ("estilos" e não um gênero) e atravessando as questões de gêneros pela performatividade dos gestos circunstanciados (que independem, em certos contextos, do sexo biologicamente

dado), Butler acaba por desestabilizar os discursos que se erigem simplesmente na afirmação da identidade de gênero.

Deleuze e Guattari, em **O anti-Édipo,** destacaram, há mais de três décadas, as diferentes (re)territorializações pulsionais, antropológicas e políticas que se apropriam do corpo marcando-o antes mesmo do processo de edipianização, no qual a identidade de gênero (no sentido convencional do termo) se instaura. Os investimentos coletivos e individuais que violentam e/ou gozam com a carne que ainda não foi calçada por Édipo são inumeráveis: a circuncisão na tradição judaica, a extirpação do clitóris em vários países da África e do Oriente Médio, a castração para a "fabricação" de eunucos na China antiga e na Índia, os variados processos de escarificação, perfuração e marcação dos corpos "descalços", entre outros. E mesmo depois da instalação edípica (que possibilita a formação de gêneros), os "fluxos" de carnes promovem diferentes velocidades, requebros, gingados, nódulos, cristalizações e "pontos de fuga", ao buscarem incessantemente desembaraçar-se do corpo "organizado" pela bipolaridade de gêneros, assim como dos domínios falocêntricos ou ginocêntricos (este último, frequentemente com posições extremadas, recém-saídas da lama dos discursos fálicos e, paradoxalmente, tentando se lavar com a própria lama).

Se Jacques Derrida, especialmente em **Éperons**, mantém o vocábulo "mulher", é para não perder de vista a primazia da referência ao sexual (com todas as fissuras, as aporias e o alto teor de indecidibilidade que seus textos acolhem). No entanto, em outros momentos, como, por exemplo, na troca de correspondência com Christie McDonald, realizada em 1981 e intitulada *"Chorégraphies"*, Derrida chega a deslocar todo um sistema de interrogações que dizem respeito a um campo hipotético de relações, em que a inscrição das marcas sexuais deixa de ser discriminante:

> Relação, desde então, não a-sexuada, muito longe disto, mas 'outramente' sexuada, mais além da diferença binária que governa a conveniência de todos os códigos, mais além da oposição feminino/masculino, mais além da bissexualidade também, da homossexualidade ou da heterossexualidade que retorna ao mesmo? [...] Certamente, não é impossível que o desejo de uma sexualidade inumerável venha ainda nos proteger, como um sonho, contra um implacável destino que sela tudo à perpetuidade do número 2 (DERRIDA, 1992, p. 114-115).

É bem conhecida a proposição derridiana de efetuar um trabalho dúplice: de um lado, apoiar as lutas de minorias, como, por exemplo, o movimento feminista e, por outro (mas a um tempo só, no "mesmo" movimento), manter um questionamento interminável dos pressupostos falogocêntricos e opressores que atravessam tais discursos. Em outras palavras (nas "palavras" do Outro, antes mesmo de decantar as dimensões da linguagem), sustentar a pergunta que consome a resposta implica a decisão ininterrupta de preservar a intraduzibilidade dos diferentes modos de "carne", das diversas maneiras de viver e de morrer as pulsões desejantes em seus enlaces, "para além" dos processos de refalicização e de empoderamento dos enunciados identitários que acabam por confinar os sujeitos sob o mesmo guarda-chuva classificatório.

Diante do exposto, pode-se então perguntar: se a operação do feminino traz "em si" a passagem à descontinuidade e/ou alarga as zonas de indeterminação, embaralhando as instâncias de decidibilidade, como se evidencia em **Éperons**, não caberia repensar, na atual espessura histórica de um tempo futurado, as possíveis consequências que as coreografias que ultrapassam as marcas sexuais imprimem nos discursos já colonizados por um saber?

Nietzsche's styles on the names for "women"

Abstract

This paper intends to circumscribe, minimally, some Nietzschean axioms that defy the homogeneity of univocal concepts related to the terms "woman" and "feminine." From Jacques Derrida's late reflections (**Éperons**: les styles de Nietzsche, 1978; "*Chorégraphies*". In: **Points of suspension**: entretiens, 1992) in dialogue with the reflections from Psychoanalysis (especially Jacques Lacan's *On the Names-of-the-Father*) in addition to my studies (**"e"**: ensaios de literatura e filosofia, 2010), we aim to discuss Nietzsche's different and contradictory utterances towards women (often pluralized in the

crowd of mothers, daughters, wives, housekeepers, prostitutes, virgins, maids) and the specific figurations of femininity.

Keywords: Nietzsche. Women. Jacques Derrida. Deconstruction. Psychoanalysis.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DERRIDA, Jacques. **Éperons. Les styles de Nietzsche**. Paris: Flammarion, 1978.

DERRIDA, Jacques. "*Chorégraphies*". In*:* DERRIDA, Jacques. **Points de suspension**: entretiens. Paris: Éditions Galilée, 1992.

GUIMARÃES, Rodrigo. **"e" – Ensaios de literatura e filosofia.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a literatura***:* "notas" de literatura e filosofia nos textos de desconstrução. Niterói: Editora da UFF, 1999.

SLOTERDIJK, Peter. **O quinto "Evangelho" de Nietzsche**: é possível melhorar a Boa Nova? Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

Recebido em: 03/06/2015

Aceito em: 04/03/2016